



MESA REDONDA

Profa. Dra. Vera Lúcia Bonato¹

Rematrização de vínculos de gênero e de saúde mental, na sociedade contemporânea

RESUMO

A sociedade contemporânea exige respeito à diversidade, clama por inclusão e visibilidade dos grupos minoritários, evidenciando transformações sociais, que desafiam padrões tradicionais de identidade, papéis sociais e relações interpessoais, que podem ser entradas para doenças psíquicas, geradas por rejeição, desamparo, insegurança, isolamento ou comportamentos indesejados, se não tratados. O referencial teórico-metodológico adotado possibilita compreender e intervir nas dinâmicas relacionais, que estruturam as subjetividades. As experiências apresentadas pelos autores, criaram espaços para que os participantes trouxessem seus dramas, conflitos e indignações. Foram convidados a experimentar outras formas de lidar com o sofrimento, que os levaram ao adoecimento psíquico. Vivências, dramatizações e escutas qualificadas foram dispositivos para facilitar o olhar sobre seu modo de ser e estar no mundo, a partir de suas escolhas, nem sempre manifestadas no papel social. As apresentações focam entre outros aspectos na teoria de papéis que concebe o indivíduo, como ser relacional, cuja identidade é construída, na matriz dos vínculos sociais. Centralizam na proposta de rematrização, como possibilidade de reorganizar matrizes relacionais adoecidas. **Objetivo** Analisar o processo de rematrização de vínculos, destacando suas contribuições para compreensão dos papéis sociais, da identidade de gênero e dos processos de adoecimento psíquico, passando pelos conceitos de tele, estado de presença, para reconstrução das relações. **Justificativa** A relevância do tema reside na persistência de desigualdades de gênero, posição social, status educacional, injustiças e iniquidades, que impactam na saúde mental. Estigmas, violências simbólicas e imposições sociais atuam como desencadeadores de conflitos internos. São gatilhos para o sofrimento psíquico manifestados como insegurança, conflito, depressão, solidão, medos e outras formas de adoecimento emocional. Os vínculos se desenvolvem, por meio da matriz de identidade. É o espaço relacional primário, onde se estruturam os primeiros papéis. Quando sofrem cristalizações, por normas rígidas de gênero, de comportamentos

¹ Professora, Orientadora e Supervisora em psicodrama do Instituto Sedes Sapientiae; Mestra em Educação e Cultura (Psi. Social); Doutora em Administração Hospitalar (Fac. Saúde Pública HCFMUSP); Psicóloga Hospitalar HCFMUSP. verabonato59@gmail.com



socialmente estabelecidos, há limitação no desenvolvimento da espontaneidade e da criatividade, comprometendo o desenvolvimento saudável da personalidade. A discussão da rematrização surge como estratégia, possibilitando a vivência de novos papéis e a ressignificação de experiências passadas, fortalecendo-os para situações futuras. O psicodrama através de seus conceitos e técnicas favorecem a ampliação do repertório do relacional, desconstruindo estereótipos de gênero .de doença mental, solidão, promovendo saúde baseada na autenticidade e na liberdade de expressão, visando inserções sociais mais saudáveis e geradoras de bem-estar. A rematrização de vínculos de gênero e de saúde mental, representam processo de transformação relacional permitindo ao indivíduo reconstruir sua identidade, a partir de experiências espontâneas e criativas. Ao revisitar e reorganizar papéis internalizados, o indivíduo amplia possibilidades de ação no mundo e reduz sofrimento psíquico, decorrente de padrões rígidos e excludentes. **Conclusão** A teoria moreniana oferece instrumentos potentes para intervenções voltadas à equidade de gênero e à promoção da saúde mental. A rematrização, enquanto processo não apenas trata sintomas, mas reconfigura vínculos, favorecendo relações saudáveis, dialógicas e humanizadas, especialmente em contextos que demandam novas formas de compreender identidade, diversidade, cuidado em saúde mental e a solidão, em suas diferentes expressões.

Palavras-chaves: Rematrização. Solidão. doenças mentais.

**A realidade complementar uma experiência sociodramática
na Saúde Mental Pública**

Elaine Vicente²

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta uma reflexão teórico-clínica acerca da realidade complementar como eixo estruturante da prática sociopsicodramática realizada em um Centro de Atenção Psicossocial Tipo II (CAPS II), no contexto do projeto Polos de Atendimento – Serviços e Pesquisa, desenvolvido em parceria entre o Departamento de Psicodrama do Instituto Sedes Sapientiae e o Setor de Saúde Mental do Departamento de Pediatria da (Unifesp). A experiência articula formação, intervenção e compromisso social, sustentando os princípios da Reforma Psiquiátrica brasileira e da socionomia como fundamento epistemológico e clínico.

A inserção da autora no CAPS II ocorreu nos anos de 2018 e 2022, no exercício das funções de diretora e ego-auxiliar, no âmbito da formação em Psicodrama. O CAPS II, enquanto dispositivo estratégico da Rede de Atenção Psicossocial, atende usuários em sofrimento psíquico grave, cujas histórias frequentemente são atravessadas por rupturas vinculares, exclusão social e cristalizações identitárias associadas ao diagnóstico. Nesse cenário, o sociopsicodrama revelou-se ferramenta potente para a mobilização da espontaneidade e para a ampliação do repertório de papéis.

O **objetivo** deste trabalho foi investigar a relevância da realidade complementar no processo terapêutico de usuários do CAPS II, analisando sua contribuição para a reorganização identitária e para a produção de novos sentidos subjetivos e relacionais. A realidade complementar, conceito central da obra moreniana, constitui-se como campo onde o sujeito pode vivenciar, por meio da dramatização, aquilo que não pôde ser realizado na realidade concreta, ou que se cristalizou sob a forma de trauma, conflito ou conserva cultural. Trata-se de um espaço ontológico e relacional onde o imaginário não se opõe ao real, mas o amplia, permitindo novas articulações existenciais.

A **metodologia** adotada caracteriza-se como pesquisa-ação de natureza qualitativa, coerente com a epistemologia sacionômica, na qual intervenção e produção de conhecimento emergem simultaneamente. A análise fundamenta-se na observação clínica de sessões grupais

² Psicóloga e Psicodramatista em formação nível I e II pelo Instituto Sedes Sapientiae, Atriz em formação, Pós em teatro do Oprimido e processos Grupais.

realizadas em 2018 e 2022, nas quais a autora atuou como diretora, com suporte de ego-auxiliar e meta-direção. A implicação da pesquisadora na cena é compreendida como elemento constitutivo do processo investigativo, e não como fator de distanciamento a ser eliminado.

Nas sessões analisadas, a realidade suplementar configurou-se como verdadeiro campo de transformação. Usuários inicialmente identificados predominantemente por seus diagnósticos puderam, na cena dramática, experimentar outros lugares de existência. A dramatização permitiu a emergência de conteúdos afetivos silenciados, conflitos internalizados e desejos não reconhecidos. Ao assumir papéis diversos — inclusive papéis complementares significativos os participantes ampliaram sua consciência de si e do outro, movimentando posições subjetivas cristalizadas.

2. DESENVOLVIMENTO

A cena sociopsicodramática operou como espaço intermediário entre passado, presente e futuro. Experiências traumáticas puderam ser revisitadas sob novas perspectivas, não com o objetivo de revitimização, mas de reintegração. A realidade suplementar possibilitou que vivências interrompidas encontrassem continuidade simbólica, favorecendo reorganizações na matriz de identidade. Observou-se que, mesmo diante de sofrimento psíquico grave, a espontaneidade não se encontrava abolida, mas frequentemente bloqueada por conservas culturais e por experiências institucionais despotencializadoras.

O grupo desempenhou função matricial essencial. A partir da escolha do protagonista e do aquecimento grupal, emergiram cenas que ressoavam coletivamente, evidenciando a dimensão socionômica do sofrimento e da transformação. O reconhecimento mútuo entre os participantes fortaleceu vínculos e ampliou a percepção de pertencimento. A dramatização não beneficiou apenas o protagonista, mas reverberou no grupo como um todo, favorecendo reorganizações vinculares.

A equipe funcional mostrou-se determinante para a sustentação do campo dramático. A direção, ao articular técnica e sensibilidade, garantiu contorno e segurança à vivência da realidade suplementar. O ego-auxiliar atuou como extensão do diretor e como mediador relacional, enquanto a meta-direção ofereceu sustentação reflexiva ao processo. A comparação entre as experiências de 2018 e 2022 evidenciou o desenvolvimento do papel de diretora, indicando maior integração entre funções técnica, analítica e produtora. A realidade suplementar configurou-se, assim, não apenas como espaço terapêutico para os usuários, mas como campo formativo para a própria diretora, que pôde ampliar sua espontaneidade e consolidar seu papel profissional.

Do ponto de vista clínico, observaram-se movimentos de reorganização identitária, ampliação do repertório de papéis e flexibilização de posições rigidificadas. Usuários que

inicialmente se apresentavam a partir de narrativas marcadas pela impotência puderam experimentar papéis mais ativos e criativos. A dramatização permitiu a simbolização de afetos intensos, oferecendo continência e possibilidade de elaboração. A realidade suplementar mostrou-se, portanto, como dispositivo que favorece a passagem da repetição à criação.

Assumir a realidade suplementar como eixo do cuidado no CAPS implica um posicionamento ético e político coerente com os fundamentos da Reforma Psiquiátrica. Trata-se de sustentar uma clínica que reconhece o usuário como sujeito de direitos e de potencialidades, e não apenas como portador de diagnóstico. Ao promover espaços de ação e protagonismo, o psicodrama tensiona práticas que reduzem o sofrimento à dimensão sintomatológica e reafirma a potência criadora como elemento constitutivo do humano.

Nesse sentido, a realidade suplementar opera como dispositivo ético-poético no interior da instituição. Ao invés de reproduzir lógicas de normalização, a cena psicodramática abre espaço para invenção e reinvenção de modos de existir. Sustentar esse campo exige da direção sensibilidade para dosar intensidade, manejar resistências e proteger o grupo de atuações desorganizadoras, garantindo que a vivência simbólica produza integração e não fragmentação.

A experiência relatada evidencia que o sociopsicodrama, quando ancorado na realidade suplementar, amplia as possibilidades de cuidado na clínica com transtornos mentais graves. Ao integrar corpo, emoção e pensamento na ação dramática, promove reorganizações que ultrapassam a dimensão discursiva. A cena torna-se espaço privilegiado de experimentação, onde novas formas de relação podem ser ensaiadas com suporte grupal.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que a realidade suplementar se constitui como campo essencial de transformação no contexto da saúde mental pública. Sua potência reside na capacidade de articular espontaneidade, vínculo e criação, favorecendo a reorganização da matriz de identidade e a ampliação do repertório de papéis. A prática desenvolvida no CAPS II reafirma o compromisso do psicodrama com a promoção da dignidade, da autonomia e da criatividade humana, contribuindo para o fortalecimento da socionomia como abordagem clínica, social e política. Em um cenário ainda atravessado por conservas institucionais, sustentar a realidade suplementar é sustentar a crença na possibilidade de transformação — do sujeito, do grupo e da própria instituição.

REFERÊNCIAS

MORENO, J.L. (2020). **Sociometria, Método Experimental e a Ciência da Sociedade:** abordagem para uma nova orientação política. Febrap.



WECHESLER, M.P. (2020). **Relações entre afetividade e Cognição de Moreno a Piaget: do Construtivismo piagetiano à sistêmica construtivista, da clinica privada a clinica social.** Ed: Artêra.

Campo Grande, 01 a 06 de junho de 2026

Psicodrama com mulheres: estar só ou sentir solidão?

Maura Castello Bernauer³

1. INTRODUÇÃO

O psicodrama busca tratar o indivíduo, tornando-o protagonista de sua história, definido como: “um método de ação profunda, lidando com as relações interpessoais e as ideologias particulares, e o sociodrama como um método de ação profunda que trata das relações intergrupais e das ideologias coletivas”. Já a socionomia estuda as relações interpessoais, entendendo o ser humano como um ser em relação. Tais contatos são os vínculos, que são essenciais para a manutenção das relações humanas (Gonçalves, Wolff e Almeida; 2023).

Assim, podemos dizer que o psicodrama *online* oferece possibilidades para um processo psicoterapêutico tão completo quanto o presencial, que o ambiente virtual é apenas uma forma de se fazer psicodrama. Que precisou se adaptar, porém, as bases teóricas do psicodrama utilizadas não diferem da aplicada ao contexto presencial: aquecimento, dramatização e compartilhamento.

As vantagens de um grupo *on line* são: flexibilidade e praticidade, acessibilidade e custo. Assim como desvantagens: possível dificuldade em estabelecer vínculo terapeuta/paciente por conta da falta de interação física; o terapeuta pode ter mais dificuldade em avaliar expressões não-verbais, e dependência de uma conexão estável com a internet.

Esse trabalho foi uma intervenção grupal *on line* fundamentada nos **métodos** psicodramáticos, realizada no período de setembro/outubro de 2025, realizados em 8 encontros de 1h30min (com a possibilidade de se estender por mais 30min se necessário), através da Plataforma Google Meet. Com 5 mulheres com idades entre 49 e 63 anos, sendo três delas separadas, uma solteira e uma casada. Essa foi uma pesquisa qualitativa, sob o escopo do Sociodrama, a estratégia de direção foi centrada na criação coletiva e o foco foi socioterápico. Os **instrumentos** utilizados foram diretor e ego-auxiliar (acadêmicos do Instituto Sedes Sapientiae que nos revezávamos) e cenário (*online*), que inclui real e simbólico, protagonista e plateia.

Nosso **objetivo** era explorar a experiência da Solidão na contemporaneidade, por meio de métodos psicodramáticos *on line*, promovendo o desenvolvimento das relações télicas e identificando a espontaneidade e criatividade das mulheres participantes do grupo.

³ Psicóloga CRP 06/23942 e Enfermeira COREN 0128714, Acadêmica do Curso de Especialização do Instituto Sedes Sapientiae maurabernauer@gmail.com

Justificativa: Porque a Solidão na contemporaneidade pode ser uma escolha, a experiência da solidão, o estar só não como algo estagnado e de sentido único, mas uma “sensação de separação do outro” como uma experiência emocional oriunda das negociações cotidianas e escolhas operadas pelos sujeitos acerca de suas próprias vidas.

Visto que, acreditamos que o sujeito é autor e ator da sua própria vida na experiência de um grupo e pode promover a compreensão de suas relações interpessoais, e escolhas de “estar só” ou não.

2. DESENVOLVIMENTO

Para Moreno Encontro é uma convocação para sensibilidade com o próximo em que liberta o homem Espontâneo. É a capacidade mútua que as pessoas têm em se colocar no lugar do outro, também entendida como Tele: é a percepção empática mútua que ocorre entre duas pessoas, ou seja, em ambas as direções.

Esse foi um grupo de 5 mulheres que se configurou assim no terceiro atendimento e permaneceu até o final com muita afinidade e vínculo. Essas são: Azaléa, Camélia, Cravo, Erva-doce e Sálvia, para preservar suas identidades.

Escolhemos apresentar a **Dramatização** do quinto atendimento: fotografia.

Com a intenção de estimular o tema da Solidão como um sentimento não necessariamente negativo, que deve ser evitado a todo custo. Mesmo tentando fugir do senso comum sobre ‘o que é estar sozinho/a’, a noção de “falta”, “carência” ou “ausência” de possibilidades de compartilhar com outras pessoas em sociedade. Ou numa perspectiva antropológica, uma “sensação de separação do outro” ou uma “contemplação libertária”, mas como experiências emocionais oriundas das negociações cotidianas operadas pelos sujeitos acerca de suas próprias vidas. Uma modulação da solidão experimentada vê-se a “solidão”, que se caracteriza enquanto gesto propositado, decorrente da escolha do indivíduo.

Pedi anteriormente que as mulheres enviassem via *watts app* uma “foto significativa”. Não foi dada nenhuma outra consigna intencionalmente: para que cada uma pudesse escolher uma foto sua ou de outra pessoa, do presente ou do passado, sozinha ou com mais pessoas...

Na **dramatização**, pedi que na sua vez, cada uma fechasse os olhos e se imaginasse por alguns minutos antes da foto ser tirada (aqui estamos utilizando um *flash* de psicodrama interno). Passando então à montagem da cena fotografada. É uma troca de papéis rápida, para definir as motivações em jogo. Em seguida, pede-se que o paciente/cliente ocupe seu lugar nessa foto e faça um solilóquio. O Diretor pode entrevistar o cliente, ou sugerir outras trocas de papel, de acordo com o material que for aparecendo. Pode-se trocar de papel com o fotógrafo, porque este é um personagem distante da dinâmica e pode ser utilizado como um observador crítico (espelho do cliente).

A riqueza dos **compartilhamentos** mesmo sendo através da *web* no psicodrama *online* provocando o ‘encontro’ de pessoas que até pouco tempo não se conheciam, nos faz crer que a espontaneidade pode ser treinada e aprendida. O ‘Encontro’ busca o resgate da Espontaneidade na interação “eu-tu”, a capacidade mútua que as pessoas têm em se colocar no lugar do outro, a Tele entre as pessoas do grupo é construída de forma vincular.

A qualidade do vínculo, na perspectiva psicodramática, baseia-se nas possibilidades de estabelecimento de relações télicas, em que cada relação, construímos uma forma de vincular. O principal material com que se preocupa a sociometria é o vínculo entre as pessoas. Assim, o isolamos para estudá-lo, mas o compreendemos nos seus vínculos e através deles penetramos em seu mundo interno. Esse vínculo é sempre objeto das escolhas. Não se escolhe alguém para mais nada que não seja vincular-se ao outro, para os objetivos mais variados. No entanto, nem sempre se deixam claras as escolhas que se faz. As redes sociométricas se configuram a partir do entrelaçamento dos vínculos que cada pessoa se movimenta dentro de um átomo social: conjunto de vínculos próximos que constituem a rede de relação de um indivíduo.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O isolamento social se define como a falta de contato e relacionamentos sociais, enquanto a solidão se refere ao sentimento subjetivo de estar sozinho. Esse sentimento surge da diferença entre os níveis desejados e percebidos de relacionamentos interpessoais, levando a uma sensação de não pertencer a um grupo social, e tem implicações emocionais e comportamentais negativas. Estar sozinho, vivenciado de forma positiva e voluntária, é denominado “solidude”. A discussão sobre essa questão é oportuna, visto que a solidão constitui um problema de grandes proporções no Brasil e o país frequentemente está no topo dos rankings globais de solidão, cujas causas multifacetadas refletem tanto tendências globais quanto particularidades locais.

Percebemos que a solidão foi entendida pelo grupo como um estado subjetivo relacionado ao isolamento físico, falta de apoio socioafetivo ou excluídos de sua rede de apoio social, associada a uma experiência negativa como a depressão. Porém, acreditam que a solidão muitas vezes é um momento de introspecção (reflexão), personalidade individual (“meu jeito”), amadurecimento emocional e crescimento pessoal. Não como uma sensação negativa e ruim o tempo todo, pois em alguns dias e momentos é prazerosa e esperada com anseio.

Entendemos que através do "como se" dramático a análise dos resultados foi captada nos significados presentes, nas interações e na dinâmica interacional das mulheres participantes do grupo. As cenas, as atuações do(s) protagonista(s), da participação dos membros do grupo nas dramatizações e no compartilhamento mostraram a espontaneidade na relação eu-tu, o



encontro, o vínculo e a Tele. Surgiram vários papéis sociais/culturais a serem discutidos como: o papel da mulher, a transgeracionalidade, a cultura, a violência, os preconceitos... O clima afetivo do grupo e nível do compartilhar foi claramente dividido e sustentado. Acreditamos ter construído uma relação grupal sadia, produtiva capaz de expandir criatividade e espontaneidade.

REFERÊNCIAS

GONÇALVES, C. S. WOLFF, J. R. ALMEIDA, W. C. (2023). **Lições de Psicodrama:** Introdução ao pensamento de J.L. Moreno. (12ª ed.). Ed. Ágora: São Paulo.

Território, memórias, transformações.

Michel Rosenthal Wagner⁴

1. Introdução

O psicodrama, desde sua criação por Jacob Levy Moreno, constitui-se como mais do que um método terapêutico: trata-se de uma ética do encontro e de um modo de existir em relação. Fundamentado no aqui-agora, na ação dramática e na presença recíproca, o psicodrama compreende o humano como ser essencialmente relacional. Nessa perspectiva, ninguém existe isoladamente: somos produzidos no vínculo, no encontro e na qualidade da presença compartilhada.

Esta proposta de apresentação em mesa de discussão tem como foco a análise da produção da **tele** em articulação com o **estado de presença**, compreendendo-os como fundamentos para a emergência da **espontaneidade** e da **criatividade** em contextos psicodramáticos socioeducacionais. O trabalho parte da compreensão de que a qualidade do aqui-agora não é apenas uma condição temporal, mas um estado relacional que atravessa corpo, emoção, pensamento e ética.

O recorte empírico da reflexão é a vivência psicodramática “*Livre para ser todas as versões de mim*”, realizada no Festival Mundo Homem, voltada à investigação das masculinidades contemporâneas a partir das dimensões das sexualidades, afetividades e vínculos. A experiência ocorreu em um retiro de quatro dias no Portal Beija-Flor, em Alto Paraíso de Goiás, reunindo homens de diferentes faixas etárias, regiões do país, histórias de vida e orientações afetivo-sexuais.

A proposta da vivência foi criar um campo relacional seguro e suficientemente continente para que a presença pudesse ser cultivada, permitindo que a espontaneidade emergisse e que novas formas de relação consigo, com o outro e com o coletivo pudessem ser experienciadas. O grupo, nesse sentido, foi compreendido não apenas como somatório de indivíduos, mas como organismo vivo, protagonista coletivo do processo.

2. DESENVOLVIMENTO

Fundamentação teórica e justificativa científica

O referencial teórico deste trabalho ancora-se no pensamento de Jacob Levy Moreno e em autores contemporâneos do psicodrama, articulando os conceitos de encontro,

⁴ Advogado, Mestre em Direitos Difusos e Coletivos, Mediador de Conflitos de vizinhança Urbana, professor e escritor. Acadêmico do Curso de Especialização em Psicodrama do Instituto Sedes Sapientiae.
michel@mrwadvogados.adv.br

espontaneidade-criatividade, tele, catarse de integração e realidade suplementar. Para Moreno, o encontro acontece no aqui-agora e ultrapassa os fenômenos da empatia e da transferência, formando um “nós” vivo, no qual o Eu se faz Tu em presença através de diversos momentos de espelhamento.

Em diálogo com Martin Buber, compreende-se que o humano se constitui na relação Eu–Tu, quando o outro deixa de ser objeto e se torna presença viva. Nesse campo relacional, a tele emerge como experiência de reciprocidade profunda, caracterizada por processos perceptivos, afetivos e intuitivos de dupla direção. Diferente da empatia unilateral, a tele implica mutualidade, co-presença e influência recíproca, sendo uma das pré-condições fundamentais para a espontaneidade e a criatividade nos grupos.

A literatura psicodramática aponta que a tele não pode ser produzida por mera técnica ou controle do setting. Ela emerge quando há condições éticas, emocionais e corporais favoráveis. É nesse ponto que o **estado de presença** se apresenta como categoria central deste trabalho. Estar em presença não significa apenas “estar no momento”, ou “estar fisicamente”, mas estar disponível ao encontro com o outro, sem pressa, sem defesas excessivas, sem antecipações e sem retraimentos. Trata-se de uma atitude existencial que atravessa o corpo, a escuta, o gesto e a intenção.

Do ponto de vista científico, investigar o estado de presença como território da tele responde a uma lacuna recorrente nos estudos psicodramáticos: muitas vezes os conceitos são apresentados de forma articulada, mas pouco explorados em sua dimensão experiencial concreta e mais subjetiva. Este trabalho propõe, portanto, uma leitura encarnada da teoria, na qual presença, espontaneidade, criatividade e tele são compreendidas como processos vivos, observáveis no corpo, nas relações e nos movimentos grupais.

A escolha do campo das masculinidades como recorte empírico justifica-se pela relevância social e clínica do tema. Muitos homens foram socializados em contextos que privilegiam o controle emocional, a competitividade, a negação da vulnerabilidade e a rigidez dos papéis de gênero. Esses fatores produzem empobrecimento dos vínculos, dificuldades de intimidade e, frequentemente, sofrimento psíquico silenciado. Tudo isso especialmente nas interrelações e interações masculinas. O psicodrama socioeducacional apresenta-se, nesse cenário, como potente dispositivo de cuidado, prevenção e transformação, ao criar experiências coletivas que desarmam normativas rígidas e ampliam possibilidades de ser e de se relacionar.

Objetivos

Analisar de que modo a qualidade do estado de presença — entendida como disponibilidade ética e afetiva para o encontro no aqui-e-agora relacional — sustenta, em uma vivência psicodramática socioeducacional voltada às masculinidades, a emergência da tele, da

espontaneidade e da criatividade, investigando como essas forças se manifestam no aquecimento grupal, favorecem a flexibilização de papéis masculinos e produzem efeitos terapêuticos, educativos e relacionais, contribuindo para a afirmação do psicodrama socioeducacional como prática ético-política de cuidado, inclusão e transformação social.

Metodologia

A metodologia adotada é a do **psicodrama socioeducacional**, compreendido como pesquisa experiencial implicada. O pesquisador ocupa simultaneamente os papéis de diretor e participante do campo relacional, reconhecendo que o conhecimento se produz no entrelaçamento entre teoria, prática e experiência vivida. Não se trata de uma postura de observação distanciada, mas de presença implicada, na qual cada gesto, escolha técnica e silêncio compõem o campo de análise.

A vivência analisada contou com a participação de 42 pessoas, entre homens inscritos no festival, facilitadores e assistentes previamente preparados. O grupo constituiu-se como **protagonista coletivo** da experiência. Foram respeitados princípios éticos fundamentais, como confidencialidade, liberdade quanto ao grau de exposição, respeito às singularidades de corpo, gênero e desejo, além da valorização do silêncio como forma legítima de presença.

O trabalho seguiu as três etapas clássicas do psicodrama:

- **Aquecimento**, inespecífico e específico, com uso de respiração consciente, movimento corporal, música, troca de olhares, rituais sonoros e metáforas simbólicas, favorecendo a transição do cotidiano para o campo do encontro e a instalação do estado de presença;
- **Dramatização**, com uso de dispositivos simbólicos e projetivos, como mapas do prazer, exercícios de espelhamento e compartilhamento em trios, construções narrativas coletivas e vivências corporais expressivas, permitindo que conteúdos biográficos, afetivos e inconscientes se transformassem em ação;
- **Compartilhamento**, momento de elaboração emocional e reconhecimento mútuo, no qual falas, silêncios, gestos e escuta em presença consolidaram o campo télico e favoreceram a integração da experiência.

Após a sessão, a equipe realizou o **processamento**, refletindo sobre os movimentos grupais, as escolhas da direção, as ressonâncias emocionais e os efeitos observados no grupo e nos próprios facilitadores.

Resultados esperados / benefícios previstos

A análise da vivência indica que, quando o estado de presença é sustentado ética e metodologicamente, observam-se efeitos relevantes em diferentes níveis:

- Ampliação da espontaneidade corporal, emocional e relacional dos participantes;

Campo Grande, 01 a 06 de junho de 2026

- Emergência de respostas criativas a conservas culturais associadas às masculinidades normativas;
- Fortalecimento de vínculos seguros e experiências de reconhecimento mútuo;
- Produção de tele como qualidade relacional perceptível nos gestos, olhares, silêncios e na atmosfera grupal;
- Vivências de pertencimento e cuidado coletivo, com efeitos terapêuticos, educativos e preventivos.

Espera-se que a apresentação desta experiência contribua para o debate sobre o psicodrama socioeducacional como prática de promoção de saúde relacional, prevenção de violências e ampliação da consciência social, especialmente em trabalhos com grupos masculinos e em contextos comunitários.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O psicodrama, ao articular corpo, ação e vínculo, afirma-se como prática ético-política de cuidado e transformação social. Em contextos marcados pelo empobrecimento dos vínculos, pela rigidez dos papéis e pelo silenciamento afetivo, resgatar a tele como força relacional possibilita experiências de encontro que ampliam a consciência, fortalecem redes de apoio e inauguram mundos possíveis.

Esta proposta de mesa de discussão busca compartilhar uma experiência situada entre teoria e prática, convidando ao diálogo sobre a centralidade do estado de presença, da espontaneidade, da criatividade e da tele na produção de encontros psicodramáticos potentes, vivos e transformadores.

REFERÊNCIAS

BOGART, A., LANDAU, T. (2005). **O livro dos Viewpoints**: Um guia prático para viewpoints e composição. SP: Editora Perspectiva.

FÉO, M. De S. (2024). **Seleção de citações sobre Aquecimento Inespecífico e Específico**. ABA Direção de Psicodrama.